

The background of the cover is white with several thick, colorful lines in shades of green, orange, blue, red, purple, yellow, and pink. These lines are arranged in a dynamic, abstract pattern, some straight and some curved, creating a sense of movement and creativity.

DVD e  
Material  
Educativo  
para  
Professor  
Propositor

MARCOS COELHO BENJAMIM:  
O FAZEDOR DE COISAS



DVDteca

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Marcos Coelho Benjamim: o fazedor de coisas / Instituto Arte na Escola ;  
autoria de Lucimar Bello Pereira Frange ; coordenação de Mirian Celeste  
Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2005.  
(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 15)

Foco: LA-11/2005 Linguagens Artísticas  
Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia  
ISBN 85-98009-16-4

1. Artes - Estudo e ensino 2. Artes - Técnicas 3. Artes - Criação 4.  
Benjamim, Marcos Coelho I. Frange, Lucimar Bello Pereira II. Martins, Mirian  
Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

**MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA**

**Organização:** Instituto Arte na Escola

**Coordenação:** Mirian Celeste Martins  
Gisa Picosque

**Projeto gráfico e direção de arte:** Oliva Teles Comunicação

**MAPA RIZOMÁTICO**

**Copyright:** Instituto Arte na Escola

**Concepção:** Mirian Celeste Martins  
Gisa Picosque

**Concepção gráfica:** Bia Fioretti

**MARCOS COELHO BENJAMIM: o fazedor de coisas**

**Copyright:** Instituto Arte na Escola

**Autor deste material:** Lucimar Bello Pereira Frange

**Revisão de textos:** Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

**Diagramação e arte final:** Jorge Monge

**Autorização de imagens:** Ludmila Picosque Baltazar

**Fotolito, impressão e acabamento:** Indusplan Express

**Tiragem:** 200 exemplares

## DVD

MARCOS COELHO BENJAMIM: o fazedor de coisas

## Ficha Técnica

**Gênero:** Documentário a partir de depoimentos do artista em seu ateliê.

**Palavras-chave:** Objeto, instalação, assemblage, inventário, procedimentos inventivos, geometria, cartum, matéria.

**Foco:** **Linguagens Artísticas.**

**Tema:** O percurso do artista, suas criações e pensamentos sobre a arte contemporânea.

**Artistas abordados:** Marcos Coelho Benjamim, artesãos do Vale do Jequitinhonha.

**Indicação:** 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

**Direção:** Cacá Vicalvi.

**Realização/Produção:** Rede SescSenac de Televisão, São Paulo.

**Ano de produção:** 2002.

**Duração:** 23'.

**Coleção:** *O mundo da arte.*

## Sinopse

O artista apresenta uma síntese de sua obra: anotações, desenhos, pinturas, objetos, instalações, um universo de escolhas e “ajuntamentos” de coisas encontradas (madeiras, latas, ferros velhos). Para a construção das obras, faz conexões entre formas, matérias e materiais. A experiência de realizar trabalhos no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, toca-o de modo particular: “uma miséria absoluta com um fazer absoluto... um silêncio absoluto, uma volta à matéria”, diz o artista.

Do ateliê podem ser vistas partes da periferia de Belo Horizonte, ficando visíveis as ligações com o espaço externo e os elementos trazidos de fora que, juntos, tornam-se “um quintal...”

uma coisa importante, a ser internalizada”, como afirma Marcos Coelho Benjamim.

## Trama inventiva

Falar sem palavras. Falar a si mesmo, ao outro. Arte, linguagem não-verbal de força estranha que ousa, se aventura a tocar assuntos que podem ser muitos, vários, infinitos, do mundo das coisas e das gentes. São invenções do persistente ato criador que elabora e experimenta códigos imantados na articulação de significados. Sua riqueza: ultrapassar limites processuais, técnicos, formais, temáticos, poéticos. Sua ressonância: provocar, incomodar, abrir fissuras na percepção, arranhar a sensibilidade. A obra, o artista, a época geram linguagens ou cruzamentos e hibridismo entre elas. Na cartografia, este documentário é impulsionado para o território das **Linguagens Artísticas** com o intuito de desvendar como elas se produzem.

## O passeio da câmera

Entramos no documentário pelo corpo do artista, nele caminhamos até que desapareça, para surgir novamente falando sobre os modos de seu fazer – um “fazedor de coisas”. Diz ele: “Escrevo nas paredes com uma certa medida... o tamanho do nosso quintal...” São mostradas obras em realização, obras terminadas, anotações críticas escritas na parede como se fossem escrituras para um livro. Numa sala, quase como uma catalogação, pode-se ter uma visão ampla da obra, de tempos e momentos diferentes do percurso do artista, um inventário.

O ateliê, mostrado de diversos ângulos, permite ver estudos e esquemas, acompanhar e sentir a criação. Benjamim comenta as obras apresentadas no documentário, apontando a apropriação dos descartáveis e a transformação em objetos de criação; o uso da solda elétrica não para emendar, mas para desfazer o ferro, para criar “gomos” – “bolotas”; as latas enferrujadas e sujas de tintas são apropriadas e transformadas em obra, nascem de um abandono e de uma morte anterior, ganhando vida por um ato de

acolhimento que as devolve ao mundo, agora, noutra condição. A câmera desliza para frente e para trás. Por distanciamentos mostra partes, detalhes e o todo. As falas do artista reafirmam noções e percursos de criação. Partes de obras, em alguns momentos, se sobrepõem à imagem do artista, criando um efeito de fusão, por sua própria obra, entre artista-pessoa e artista-criador. O que se vê são ampliações de duas dimensões que, anexadas, criam uma outra condição de visibilidade. Portanto, instaura-se um “certo visto” e, concomitantemente, um “certo não-visto” a ser buscado pelo “vedor” do DVD (aquele que vê profunda e criticamente), que quer compreender a processualidade da linguagem e a poética visual de Marcos Coelho Benjamim.

O documentário, alocado em **Linguagens Artísticas**, põe em foco o objeto, a instalação e o cartum. Outras proposições podem cercar procedimentos inventivos que subvertem as matérias inusuais (*Materialidade*); inventariar, experienciar percebendo os espaços do ateliê, do quintal, da cidade (*Processo de Criação*); o dentro e o fora, a textura e o espaço, os agrupamentos, a geometria sensível (*Forma-Conteúdo*); arte contemporânea, a cultura popular e a estética do cotidiano (*Saberes Estéticos e Culturais*); além da geometria e o meio ambiente urbano (*Conexões Transdisciplinares*).

## Sobre Marcos Coelho Benjamim

(Nanuque/MG, 1952)

Marcos Coelho Benjamim

É um arqueólogo.

e cava

e corta

e crava a cor.

Estampa tábuas velhas em música.

Descobre arames retorcidos:

letras-sinais de novos caminhos.

Cortinas-objetos desdobram-se das portas

captando a luz da magia.

Ripas cortadas

chanfradas em som de clarineta

são organizadas em janelas.

Janelas que se abrem para o primeiro dia.  
Inventor multifacetando o espaço,  
sulca o rastro quente  
dos primeiros passos,  
vigilantes nas estantes do tempo.  
Mostrando o horizonte que nasce.  
Sabedoria surda.  
Teia de tempo vivo.  
Trama de silêncio alto:  
De onde e para onde?  
Sabedoria do amanhecer.

Amílcar de Castro <sup>1</sup>

Um arqueólogo é pessoa que escolhe, corta, escava, ajunta, associa coisas coletadas. Madeiras usadas, velhas ferragens, rastros, passos e marcas, coletas, transformam-se em silêncio, tempo vivo...

Benjamim aprende na infância a lidar com ferramentas e madeira na molduraria paterna; inicia seus trabalhos como cartunista e artista gráfico. Passa 1 ano fazendo brinquedos para os filhos e reproduzindo bichos com materiais orgânicos e recicláveis. Em 1979, faz uma viagem ao Jequitinhonha em companhia de artistas, poetas, músicos, pintores e cineastas, o que altera a sua produção. Na década de 80, dedica-se a produzir objetos e instalações. Em 1983, publica com Priscila Freire: *Conversa de corpo* <sup>2</sup>. Em 1988, faz cenografia para espetáculos teatrais *Uakti e Mulheres*, do Grupo Corpo. Colabora com jornais: Pasquim, Estado de Minas e Suplemento Literário de Minas Gerais. Participa de inúmeras exposições, individuais e coletivas, recebendo prêmios no Brasil e no exterior. É considerado como um dos artistas representativos da nova geração brasileira e internacional.

**A arte, para Benjamim, mostra pensamentos de um povo em determinada época, faz um registro histórico e torna-se um perfil arqueológico.**

Os cartuns-objetos são poemas visuais, “os desenhos têm um humor esfuziante e cáustico, tanto trombeta quanto metralhadora, investindo contra as armadilhas, as malandragens e as ridicularidades do mundo de hoje, infestado de ‘políticas’”<sup>3</sup>. As

“arapucas”, as “encrencas”, como diz, são construídas depois da viagem ao Vale do Jequitinhonha. Benjamim “trouxe do Jequitinhonha latas velhas, madeiras carcomidas com restos de tintas e vernizes, pregos, rachaduras, mas também esta beleza que a corrosão do tempo cria”<sup>4</sup>. Podemos associar às palavras anteriores de Amílcar de Castro e de Roberto Pontual.

A *gaveta*, mostrada no documentário, possui duas gavetas: a inferior, ao ser aberta, permite encontrar o espaço normal de uma gaveta, a outra é invertida, abre-se pelo fundo. A superior não pode guardar nada, transforma-se de objeto guardador de coisas, em objeto repelidor de coisas (a solução é duchampiana)<sup>5</sup>.

Muitos trabalhos remetem aos ralos – de ralar queijos e frutas para a feitura dos tradicionais doces mineiros. Os ralos benjamimnianos são ora pequenos, ora gigantescos, tomando proporções e formatos semelhantes a bichos ou a seres humanos. O ralador interessa ao artista por seu silêncio e seus dois estados de ralar: há um gesto de fora para dentro ao ralar as coisas, e um passar dessas coisas, de fora para dentro. Há um outro momento, o interno, as coisas raladas dessa matéria, as partes de uma coisa fragmentada acolhidas nesse interior, mas Benjamim não rala, deixa esse estado latente e silencioso.

**Os trabalhos de Benjamim podem ser considerados como pertencentes à “geometria sensível”, tendo um sentido vitalista e orgânico.** “Na arte construtiva na América Latina aflora um lirismo, que cabe figurar como tipicamente nosso, estranho à objetividade norte-americana”<sup>6</sup>. Podem também figurar como um “realismo mágico”: coisas apropriadas atreladas à certa magia que, de abandonadas, tornam-se obras de arte.

O zinco é presença em inúmeras obras, como dito no documentário, exige diversas bases. Esse não aceitar da tinta lhe dá o caráter matérico<sup>7</sup>, uma das marcas na produção de Benjamim, uma “briga e um embate” para que as coisas se tornem outras, porém mantendo suas características.



## Os olhos da arte

As matérias e os objetos são seres, têm alma, gesticulam: latas latem, madeiras mordem, pregos picam, arames ardem, raladores ru-minam, canos conversam, a sucata sua e a ferramenta fere.

Roberto Pontual <sup>8</sup>

Marcos Benjamim  
*Objeto de chão e teto*



A linguagem artística de Benjamim dialoga com muitos artistas e movimentos da arte.

**objet trouvé** – “objeto encontrado” – objetos de desejos que se tornam objetos biográficos e são transformados em objetos de arte. Os desenhos, as pinturas, objetos e instalações, se analisados, podem fazer ver seu percurso, suas

**escolhas e seus ajuntamentos, com histórias de coisas, de lugares, de tempos, de espaços, de contextos, de pessoas.**

Marcel Duchamp, Kurt Schwitters, Hélio Oiticica, Farnese de Andrade e outros artistas introduzem associações de “coisas encontradas”, juntando colagens e fazendo assemblages; Jean Tinguely constrói seus aparatos cinéticos à base de objetos encontrados; Andy Warhol agrupa *Caixas de sabão Brillo*, ou *Latas de sopa Campbell*, como também o faz na série de Marilyn Monroe (esses dois últimos, *objets trouvés* da sociedade moderna, mistura de comunicação e de idolatria). Marcos Benjamim transita entre coisas e uma “fazeção de coisas”.

Coisas de um quintal, como diz Benjamin, de um colecionador, constituem um inventário de objetos achados, escolhidos e acolhidos pelo artista que, num momento posterior, são internalizados e vão se constituir como obras de arte. “Escrevo nas paredes com uma certa medida... o tamanho do nosso quintal” continua ele. Temos visto, percebido, sentido e criado os nossos quintais, de referências, de junções, de invenção e de criação? Convivemos com eles?

Coisas que se agrupam, obras que se relacionam no espaço. A



instalação é uma modificação e incorporação do espaço como constituinte da arte. Muitas vezes, pode-se interagir nesse espaço transformado. O termo é incorporado às artes visuais na década de 60 e algumas obras a anunciam: as obras *Merz* (1919) de Kurt Schwitters e duas obras de Marcel Duchamp, realizadas em Nova Iorque; na primeira, ele cobre o teto da sala com mil e du-

zentos sacos de carvão, incorporando o teto à obra (o teto, normalmente, é descartado na arte). Na segunda, ele fecha uma sala com cordas, criando um ambiente particular (*Milhas de barbante*).



Marcos Benjamin - *Roda*

**Os desenhos, as pinturas, objetos e instalações de Benjamin mostram agrupamentos e repetições de gestos semelhantes, formas próximas que dialogam entre si, pelas semelhanças e pelas diferenças.**

A imagem é comunicação, o percurso de um artista, a que denominamos de sua linguagem, é comunicação: podemos situar os diversos tipos de coisas agrupadas por Benjamin, e também o modo como as agrupa, e ainda, de onde as traz e que coisas escolhe dentre as imensas possibilidades que estão no mundo. As relações são entre as culturas, os contextos históricos sociais, as dimensões poéticas de uma pessoa que recolhe fragmentos do mundo para colocá-los de volta, no mundo, de um outro jeito, com outras relações, desfuncionalizando-as e tornando-as arte.

**Saídas de seu próprio ferro-velho, seja nas pequenas ou grandes peças, feitas com ferro, zinco, metais furados por pregos, latas de óleo, tela galvanizada ou serragem de tronco de jacarandá, as obras de Benjamin nos trazem de volta à intimidade do quintal, lugar da alegria da invenção lúdica, morada do fazedor de coisas.**

## O passeio dos olhos do professor

O nome do documentário coloca, com clareza, o artista como um “fazedor de coisas”; vamos compreendendo as escolhas, junções e transformações, o que permite algumas entradas para a construção do seu diário de bordo:

- ⦿ Uma primeira observação: ver o documentário completo;
- ⦿ A convocação do corpo do “vedor” (professor e alunos): pela escuta do artista, gestos, olhares e seu corpo-fazedor em partes selecionadas do documentário, fixando aspectos e conteúdos – conceitos de arte, produções, viagem...;
- ⦿ Notando como o artista “arqueologiza” e, ao recolher pedaços de objetos em lugares diversificados, os reaviva esteticamente ao incorporá-los e neles interferir.

Benjamim convoca olhares e a participação do espectador. Para ele: “um artista não dá solução ao mundo, ele apenas o olha. Olha e olha... É um *voyeur* do mundo. A arte é parte do meu egoísmo, das minhas fragilidades, das minhas precariedades... O mundo que as absorva”. Concebe agregando, mas mantendo uma “artesanaria” de um “fazedor de coisas”, um saber-fazer que incorpora densidade de simplicidade e poeticidade, de precariedade e suntuosidade, de fragilidade e potencialidade.

- ⦿ Capturando as imagens mostradas, o quê se vê nelas e as superposições de imagens (os efeitos fílmicos de sobreposições de imagens);
- ⦿ Escutando os sons, as músicas e os silêncios;
- ⦿ Visitando com ele o Vale do Jequitinhonha, obras posteriores à viagem; os objetos – a “fazeção” como “uma pequena cidade”, criando ambientes, uma instalação;
- ⦿ Parando nos quintais de Benjamim e nos quintais do professor e dos alunos;
- ⦿ Delineando o que este documentário pode despertar nos alunos.

Suas anotações se tornam o primeiro inventário, provocador de invenções e proposições pedagógicas.



## Percursos com desafios estéticos

Um artista não dá solução ao mundo, ele apenas o olha. Olha e olha. O artista é um *voyeur* do mundo.

Marcos Coelho Benjamim

Olhar o mundo, perceber as coisas, escolher, apropriar, transformar, criar, inventar. Olhar o mapa do documentário ampliando-o com suas próprias idéias. Ações e proposições são aqui sugeridas como idéias que inventam outras, escolhendo, apropriando, transformando, criando, inventando. No caminho, seu registro pode alargar o inventário das idéias iniciais do seu diário de bordo.



## O passeio dos olhos dos alunos

- Algumas perguntas podem ser elaboradas, antes da exibição do documentário, chamando a atenção para o título: Benjamim é um fazedor de coisas, que coisas? De que maneiras as constrói?

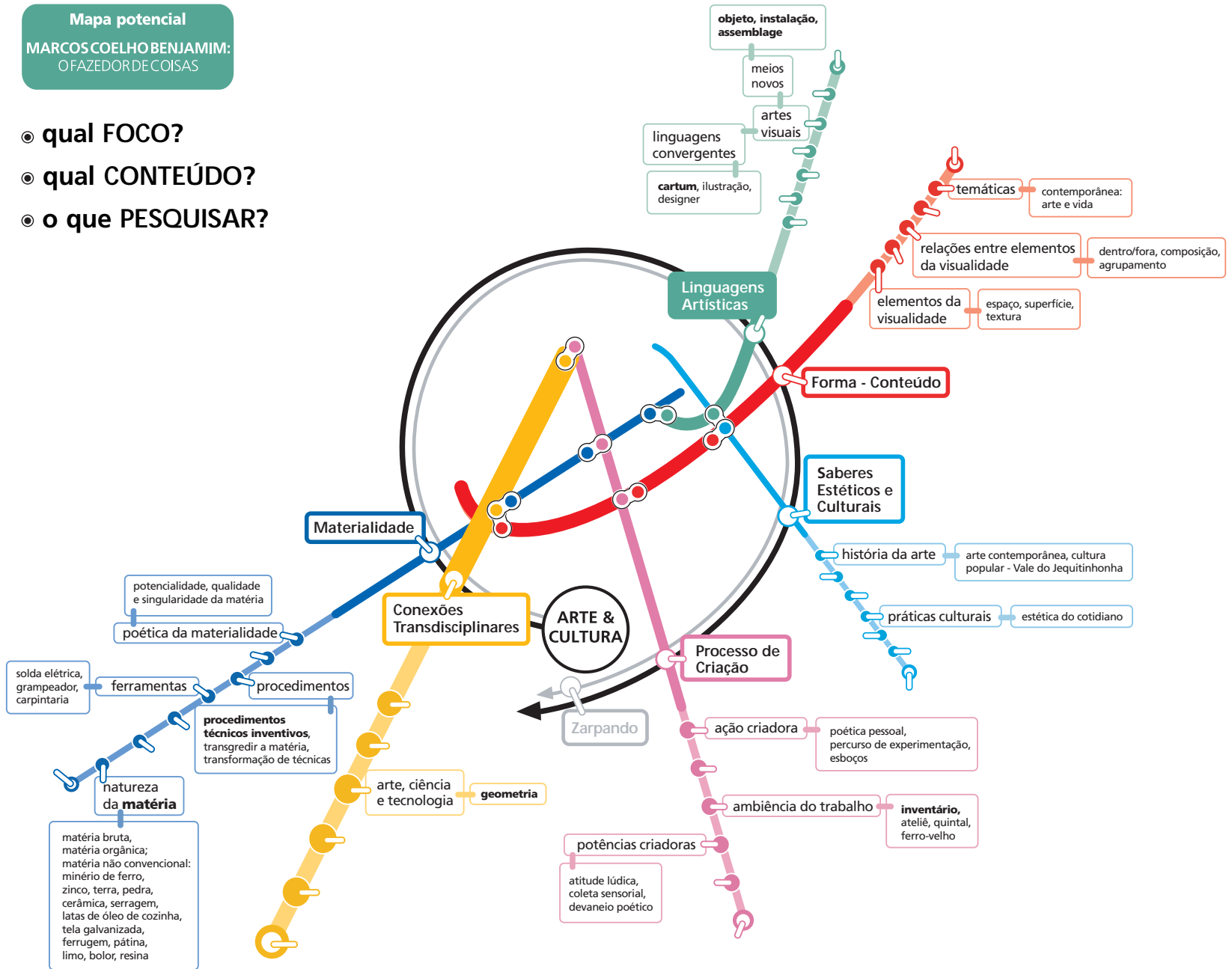
Que outras questões os alunos poderiam inventar, inferindo pelo título?

Depois de exibir o primeiro bloco do documentário, volte às questões iniciais e converse sobre o artista. O que ele desperta em seus alunos? Que proposições podem sair daí?

- Fazer um inventário de quintais: o quintal de Benjamim e os quintais de professores e de alunos. Coisas encontradas e catadas na rua (madeiras, arames, galhos secos, coisas enferrujadas, pedaços de madeiras que tenham marcas de ações humanas ou do tempo) levadas para a sala de aula, podem gerar a elaboração de um “quintal coletivo de criações”. O quintal é lugar da intimidade e pode ser contrastado ao jardim – lugar da sociabilidade. O terceiro bloco do documentário poderá criar um diálogo com o que construíram. Os inventários se ampliam... Teria sentido falar em “jardim” na obra de Benjamim? Por que sim ou por que não?

**Mapa potencial**  
**MARCOS COELHO BENJAMIM:**  
 O FAZEDOR DE COISAS

- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?



- © Raladores e ralos trazidos pelos alunos, coisas raladas e suas transformações. Também podem ser simulados raladores com papéis furados por canetas ou outro material que possa ser furado. Depois, exiba o trecho do primeiro bloco do documentário, no qual há destaque aos raladores. Eles pressupõem matéria inteira, a ser ralada, e matéria desfeitalada, mas Benjamim cria os ralos e fala do silêncio. O silêncio, nos *Ralos*, é corpo do trabalho, o silêncio contém um dentro e um fora. “O artista aprecia esse confronto também quando ele ocorre nos objetos singelos – ralador, pá, pião, oratório, cata-vento, instrumentos e brinquedos domésticos confeccionados por uma engenhosidade atávica, típica de um Brasil rural e artesão, como o de sua infância em Nanuque, junto à vidraçaria do pai... Como os artesãos, ele gosta do contato com durezas, com superfícies ásperas, com a qualidade discreta, embora imensa, que a textura das coisas vai segregando às mãos”<sup>9</sup>. Comente com os alunos, após sua entrada nesse estado silencioso, benjamimniano e faça com que vivam esse silêncio. Volte ao documentário mais uma vez para olhar os raladores e a fala do artista.
- © O segundo bloco apresenta os cartuns tridimensionais, o poema visual, o humor do artista. Antes de exibi-lo, peça para que os alunos tenham papel e lápis à mão para anotar o que lhes chama mais a atenção. Ao final, levante o aspectos percebidos, problematize com novas questões, abrindo espaço para que pensem proposições para pesquisar e produzir. Eles não gostariam também de ver as outras partes que compõem o documentário?

As propostas dos alunos, durante a exibição e os comentários sobre o documentário, *Marcos Coelho Benjamim – um fazedor*

*de coisas*, podem se incorporar às suas idéias, na pesquisa, na experimentação, no olhar para o mundo.



## Desvelando a poética pessoal

Já que vai cavar um buraco, que seja o buraco mais belo do mundo.

Marcos Coelho Benjamim

A criação de Benjamim passa por alguns percursos:

- Um olhar que capta alguns objetos e o corpo que os carrega;
- A permanência ou mobilidade no inventário desse agrupamento de coisas encontradas e sobras de trabalhos anteriores;
- As diversas conexões e a construção da assemblage ou da instalação;
- Ações questionadoras - um prato de refeições é mostrado com a pintura hiper-realista de uma mosca, numa atitude crítica e anti-mercado, quase “anti-estética”. Há, no pensamento de Benjamim, uma atitude de criador-transgressor das regras sociais e culturais.

As concepções de objeto e de instalação são conceitos-chave, atrelados às “coisas achadas” e “coisas inventadas”. A materialidade das coisas incorporadas (coisas encontradas) e das construídas (pelas ações gestuais-corporais do artista) e os inventários propostos podem ser novamente vistos, analisados e acrescidos de conceitos de arte mais aprofundados.

Benjamim constrói uma maneira de ser-artista. Que percursos os alunos podem fazer para que possam mostrar caminhos singulares e pessoais para a compreensão da arte? Acompanhe as escolhas de caminhos e a produção pessoal que, ao final do projeto, será mostrada.

## Ampliando o olhar

A leitura da imagem, enriquecida pela análise, estimula a interpretação criativa. Ler a linguagem artística, composta por elementos visuais, verbais, por simbolismos e por imaginários de Marcos Coelho Benjamim, é dar a ver, a nós professores e aos nossos alunos, dimensões da fantasia, do sonho, atrelados a “realidades” individuais e coletivas do mundo e da arte.

- Coisas do mundo transformam-se em coisas no mundo; o que quer dizer, encontrar coisas já existentes e formar outras inventadas. As primeiras são do mundo; as criadas passam a estar no mundo, uma vez que não existiam antes. Pensar sobre isso pode ampliar o olhar na pesquisa das construções dos quintais comunitários na escola: as escolhas e as maneiras de catar, colher, arrumar, agrupar, cortar, emendar, sobrepor, ajuntar, anexar... Refletir sobre os quintais do “ser”, além de quintais do “ter” – quintais como objetos biográficos e suas histórias; seus entornos e contextos; suas marcas e suas inserções – objetos criados. “O quintal é espaço da intimidade familiar, do lazer familiar – em festas, almoços simples de amigos em que a conversa descontraída flui fácil –, mas espaço igualmente de trabalho, espaço de ‘fazer coisas’... o trabalho manual, o artesanal, a possibilidade de invenção... espaço natural, seu, como a língua, a religião, a culinária, o comportamento”<sup>10</sup>. É interessante voltar ao documentário e ouvir as falas sobre os quintais.
- Olhar e pensar no jardim, que é entrada da “casa” (entendida como espaço de moradia), da escola, do bairro e as formas de acolhida. Pensar o fundo da casa (também moradia) e as formas de intimidade. Pensar em proposições para a escola – quintais e jardins de imaginários, ocupações criativas com objetos de arte. O jardim é um símbolo do paraíso terrestre, centro do universo<sup>11</sup>.

- Exercícios de percepção sobre as produções no ateliê de Benjamim e os trabalhos dos alunos na sala de aula. Cada grupo de alunos pode escolher alguma obra presente no documentário e provocar a leitura dos outros grupos, com perguntas interessantes.
- Construção de histórias em quadrinhos que mostrem ou critiquem os quintais construídos. Os alunos podem pesquisar os cartuns e criar cartuns tridimensionais, utilizando caixas de papelão ou de madeira para montar suas cenas.
- A invenção pressupõe também um olhar sobre as coisas do mundo e sua criação. Podem ser construídas maquetes de papelões ou papéis usados, que se transformam em coisas inventadas. Ações podem ser provocadas: grampear, colar, recriar, dar novos valores aos objetos, pintar, cobrir superfícies, amolecer peças de plásticos, etc.
- A música do *Uakti* pode ser trabalhada. Podem ser comentadas, como entram e se interrompem no DVD, os cortes, movimentos de câmera, efeitos produzidos para o entendimento da obra de Benjamim.

### **Conhecendo pela pesquisa**

- As pinturas de Marcos Coelho Benjamim dialogam com a pintura brasileira dos anos 80. Que outros artistas os alunos podem pesquisar, no diálogo com as obras Benjamin?
- Os objetos de Benjamim dialogam com trabalhos de artesãos brasileiros, principalmente os que usam madeiras, pedras (pintadas de pó xadrez anil ultramarino, pedras de Prados ou de São Tomé, cidades mineiras) e metais (zinco, ferro, chumbo, ouro, latão, alumínio, tampinhas de garrafa). Em Minas Gerais, existem inúmeros artesãos da madeira e dos latões. Uma pesquisa sobre os artesãos em suas cidades, assim como outras profissões, que podem ser relacionadas: carpinteiros e serralheiros, proporcionará bons diálogos.



- © Os desenhos e os objetos criados por Benjamim apresentam-se numa “esfera mágica do mito, da religião... ele constrói signos do amor e do desejo... há um caráter ludo-poético dos objetos, enfrentamento da vida com a confirmação da alegria... As primeiras pinturas de Benjamim eram monumentalizações de figuras criadas antes, humanização dos totens... um mundo mágico inventado pelo artista”<sup>12</sup>. Há essa esfera mágica no universo adolescente? Em livros, filmes, imagens que colecionam? O que podem pesquisar sobre isso?

As instalações de Benjamim dialogam com artistas ingleses contemporâneos, como Tony Cragg e Andy Goldsworthy; com artistas italianos da arte povera; com o artista latino americano, Torres Garcia; com o pintor americano, Philip Guston, entre outros. Conhecer esses artistas, investigando sites nas salas de informática da escola pode se tornar uma ótima provocação para novas produções.

- © Como vimos no documentário, os lugares tocam o artista, como a viagem ao Vale do Jequitinhonha com seu modo particular: “uma miséria absoluta com um fazer absoluto... um silêncio absoluto, uma volta à matéria”. O espaço da pobreza transforma-se em espacialidade rica de criação e de transformação. No documentário, o artista fala sobre o seu ateliê, do qual ele pode ver a periferia de Belo Horizonte. Os alunos podem investigar sobre os seus lugares e seus fazeres. O que dizem e mostram esses muitos lugares, de cada e de todos, provocados por Benjamim.
- © Pesquisar artistas que trabalharam com colagem e assemblage, como Marcel Duchamp, Kurt Schwitters, Hélio Oiticica, Farnese de Andrade, Jean Tinguely, Andy Warhol. O que juntaram? Como juntaram? Essa pesquisa pode gerar novas produções, pesquisando também tudo o que une, desde as diferentes colas até o velcro, o zíper, o grampeador, etc.

## Amarrações de sentidos

O professor e alunos amarram e re-amarram os conteúdos entre as muitas leituras do documentário.

Os alunos podem fazer uma carta para Benjamim, comparando-o a um “quintaleiro” – uma profissão inventada, podendo mesmo enviá-la ao artista. Podem anexar fotografias, desenhos, anotações escritas e/ou gravadas. Nesse sentido, pode ser construído um livro de artista.

## Valorizando a processualidade

Os diários são marcas de buscas e de encontros entre um professor-pesquisador que junto com seus alunos os torna aprendiz da pesquisa – da investigação e da argumentação. Nesse sentido, voltar a ver os caminhos percorridos e o documentário, após inúmeros percursos, é fazer uma visita a momentos anteriores que apostam em maturidades de conceitos e de experimentação para o entendimento das artes visuais. Fazer o percurso ao contrário é estabelecer uma via de mão dupla, um ir e vir no sentido da construção da arte na escola, onde a estética, a ética e uma “erotética” (uma estética e uma ética com sedução e paixão de aprendizagem co-partilhada e coletiva, aprofundada e significativa) estão presentes.

Para onde pode continuar a sua cartografia para o ensinar e aprender arte?

## Glossário

**Arte povera** – termo criado pelo crítico de arte italiano Germano Celant para descrever a arte produzida com materiais “desprovidos de valor” e de fácil acesso, como areia, madeira, pedras, papel de jornal. Fonte: CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 29.

**Assemblage** – “termo cunhado em 1953, por Jean Dubuffet, denotativo de obras de arte elaboradas a partir de fragmentos de materiais naturais

ou fabricados, como o lixo doméstico”. Fonte: CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 32.

**Cartum** – Desenho e anedota gráfica, considerada uma modalidade de caricatura, podendo conter uma só imagem ou constituir uma historieta, isto é, uma narrativa breve com duas ou três cenas encadeadas. Destinado à publicação em jornais, revistas ou periódicos especializados, baseia-se geralmente em personagens fictícios - humanos ou fantásticos - embora se valha também de pessoas reais no caso de assuntos políticos. Constitui uma visão humorística ou satírica de comportamentos e mentalidades, tirando partido dos eternos vícios humanos, sejam eles circunstanciais ou atemporais. (...) O nome deriva de *cartoon*, um desenho em pequena escala que serve como guia para ampliações e reproduções em tapetes, telas ou murais. No Brasil, a edição de março de 1964, da revista Pererê, aportuguesou a palavra. Fonte: <[www.videotexto.info/cartum.html](http://www.videotexto.info/cartum.html)>.

**Instalação** - “termo que se aplica às modalidades de arte em que a obra consiste em uma construção ou montagem de materiais em caráter permanente ou temporário, às vezes em escala suficientemente grande para que o espectador possa nela entrar ou passar-lhe através.” Fonte: MARCONDES, Luiz Fernando. *Dicionário de termos artísticos*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1998.

**Livro de artista** – também chamado de livro-arte, tem o livro como referente, mesmo que remotamente. Assim, ele pode não ser um livro propriamente dito, podendo ganhar o estatuto de escultura ou objeto. É uma manifestação da arte contemporânea. Fonte: SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre: E. Universidade/UFRGS, 2001.

**Objeto** – tem sua origem nas assemblages cubistas de Picasso, nas invenções de Marcel Duchamp e nos *objects trouvés* (objetos encontrados) surrealistas. No Brasil, a questão do objeto se abre na década de 60, com trabalhos que rompem com a bidimensionalidade da pintura. A construção de objetos e o uso de objetos prontos em trabalhos compostos se expandiram e, hoje, são considerados uma categoria. Fonte: COSTA, Cacilda Teixeira da. *Arte no Brasil 1950-2000*. São Paulo: Alameda, 2004.

## Bibliografia

AMARAL, Aracy (org.). *Marcos Coelho Benjamim*. Belo Horizonte: C/Arte, 2000.

FARIAS, Agnaldo. Marcos Benjamim. In: *Arte brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2002 (Folha Explica).

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.

PONTUAL, Roberto. *Marcos Coelho Benjamim*. In: São Paulo: XX Bienal de São Paulo, 1989.

COSTA, Cacilda Teixeira da. *Arte no Brasil 1950-2000*. Movimentos e meios. São Paulo: Alameda, 2004.

FUNDAÇÃO BIENAL. Catálogos de: Bienal Brasil Século XX, 12ª, 20ª e 21ª. Bienal de São Paulo.

### Seleção de endereços sobre arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 5 abr. 2005.

ANDRADE, Farnese de. Disponível em: < [www.rioartecultura.com/farnese.htm](http://www.rioartecultura.com/farnese.htm) >.

BENJAMIM, Marcos Coelho. Disponível em: <[www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)>. \_\_\_ Disponível em: <[www.comartevirtual.com.br/mcoelhob](http://www.comartevirtual.com.br/mcoelhob)>.

CRAGG, Tony. Disponível em: <[www.csw.art.pl/new/97/crag\\_e.html](http://www.csw.art.pl/new/97/crag_e.html)>.

DUCHAMP, Marcel. Disponível em : <[www.understandingduchamp.com/](http://www.understandingduchamp.com/)>.

EXPOSIÇÕES – RJ e SP. Disponível em: <[www.mapadasartes.com.br](http://www.mapadasartes.com.br)>.

GARCIA, Torres. Disponível em: <[www.torresgarcia.org.uy/](http://www.torresgarcia.org.uy/)>.

GOLDSWORTHY, Andy. Disponível em: <[www.cgee.hamline.edu/see/goldsworthy/see\\_an\\_andy.html](http://www.cgee.hamline.edu/see/goldsworthy/see_an_andy.html)>.

GUSTON, Philip. Disponível em: <[www.artscenecal.com/ArticlesFile/Archive/Articles1998/Articles1298/PGustonA.html](http://www.artscenecal.com/ArticlesFile/Archive/Articles1998/Articles1298/PGustonA.html)>.

OITICICA, Hélio. Disponível em: < [www.pitoresco.com.br/brasil/oitica/oitica.htm](http://www.pitoresco.com.br/brasil/oitica/oitica.htm) >.

RAMOS, Nuno. Disponível em: <[www.fortesvilaca.com.br/artistas/nuno\\_amos/](http://www.fortesvilaca.com.br/artistas/nuno_amos/)>

SCHWITTERS, Kurt. Disponível em: <[www.mac.usp.br/projetos/seculox/modulo1/expressionismo/dada/schwitters/](http://www.mac.usp.br/projetos/seculox/modulo1/expressionismo/dada/schwitters/)>.

TINGUELY, Jean. Disponível em: <[www.tinguely.ch/en/museum/collection\\_follow.html](http://www.tinguely.ch/en/museum/collection_follow.html)>.

WARHOL, Andy. Disponível em: <[www.warhol.org/](http://www.warhol.org/)>.

### Notas

<sup>1</sup> Poema de Amílcar de Castro (1920-2002), escultor, gravador, desenhista, diagramador, cenógrafo e professor, publicado em Aracy AMARAL (org.). *Marcos Coelho Benjamin*, p. 9.

<sup>2</sup> O livro de imagens poéticas foi publicado em 1983 pela Editora Miguilim.

<sup>3</sup> PONTUAL, Roberto. Corpos de afago e dor. In: Aracy AMARAL (org.). *Marcos Coelho Benjamin*, p. 128.

<sup>4</sup> MORAIS, Frederico. A casa do fazer. In: Aracy AMARAL (org.). *Marcos Coelho Benjamin*, p. 112.

<sup>5</sup> Marcel Duchamp, um artista do início do século XX, foi um proponente de questões sobre a arte e conceitos de arte. Realiza em 1917, *A fonte*, mic-tório masculino enviado para uma exposição de arte, sobre um pedestal de escultura, assinado com seu pseudônimo.

<sup>6</sup> Juan Acha. Fonte: <[www.itaucultural.org.br-Enciclopédiadearte](http://www.itaucultural.org.br-Enciclopédiadearte)>.

<sup>7</sup> Matérico é um dos elementos formantes da obra de arte. São os efeitos produzidos por determinado material; é a matéria a se mostrar como *corpus* trabalhado pelo artista.

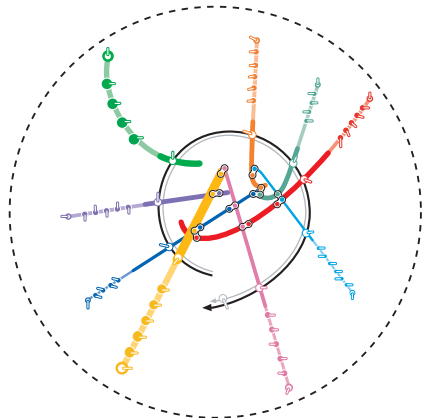
<sup>8</sup> *Op cit.*, Roberto PONTUAL, p. 127.

<sup>9</sup> Agnaldo FARIAS, *Marcos Benjamim*, p. 27.

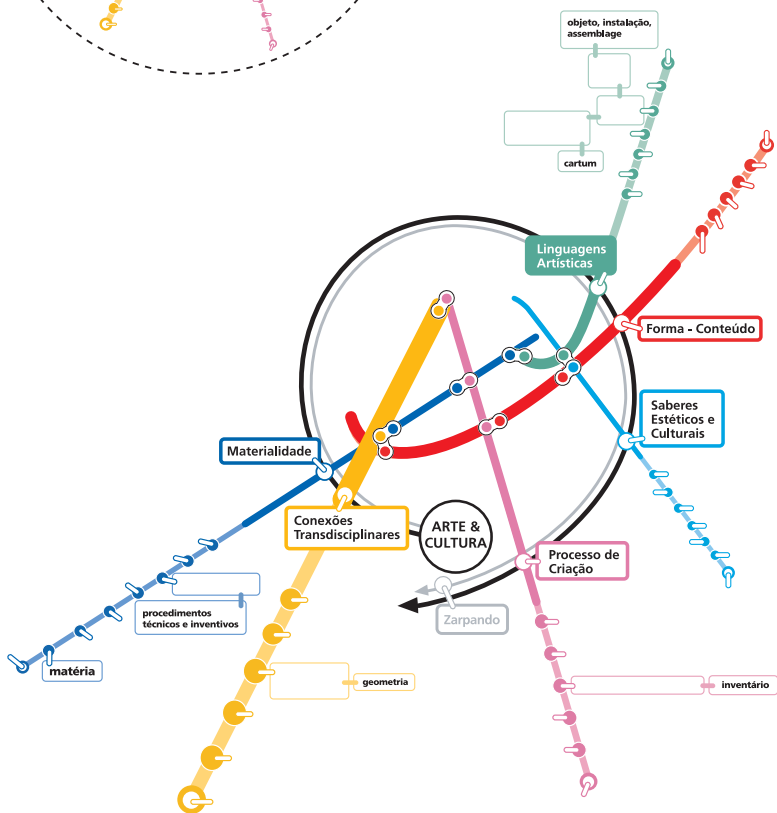
<sup>10</sup> Aracy AMARAL, *Marcos Coelho Benjamim*, p. 14.

<sup>11</sup> São célebres os jardins japoneses, os persas, os franceses, os ingleses. O jardim é o espaço do crescimento, do cultivo de fenômenos vitais e interiores. Ver: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANDT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, p. 512-15.

<sup>12</sup> SAMPAIO, Marcos. Benjamim: pinturas. In: AMARAL Aracy (org.). *Marcos Coelho Benjamim*, p.119.



**Mapa potencial**  
**MARCOS COELHO BENJAMIM:**  
 OFAZEDOR DE COISAS



Patrocínio



FUNDAÇÃO  
 IOCHPE

Organização



[www.artenaescola.org.br](http://www.artenaescola.org.br)